

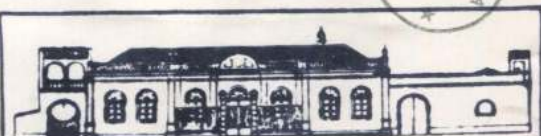
Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Manuel Baptista, Pintor, Colecionador de Brinquedos

Manuel Dias Coelho

Assunto: Museologia

BRINQUEDO



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca

Livro n.º 1357

Cota n.º 5-4

PINTOR
ALGARVIO

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

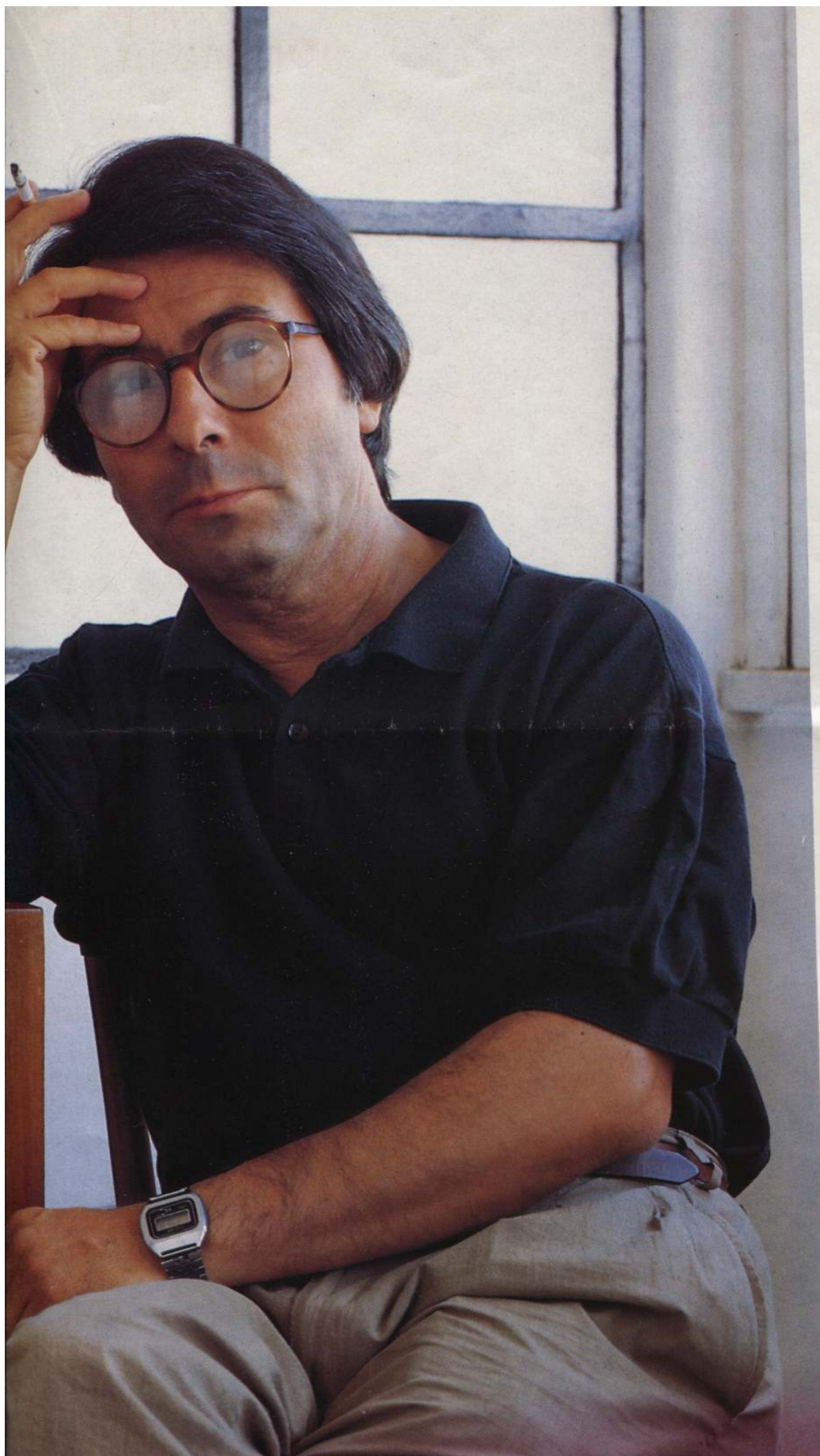
MANUEL BAPTISTA

PINTOR,
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS,
GUARDADOR
DE MEMÓRIAS



Manuel Baptista é mais do que um pintor consagrado. É um incansável colecionador de brinquedos. O resultado de mais de trinta anos de recolhas dá para montar um pequeno museu e esteve recentemente exposto no seu Algarve natal. São peças de um universo fértil de criatividade que nos adultos provocam aquele aperto no peito, próprio de quem recorda tempos de infância. Inocentes. Belos. Fatalmente irreversíveis.

Por Manuel Dias Coelho
Fotografias de Carlos Melancia e Heitor Ramos



A escada do prédio é estreita e talhada num mármore amarelado pelo tempo que torna os lances iguais. De súbito, num patamar, dois grandes cartazes, fortemente coloridos, daqueles que anunciam filmes com um grafismo incomum, cortam as probabilidades de bater na porta errada. Estamos no caminho certo para a casa de Manuel Baptista. Mais dois passos na pedra poída e avistámos o pintor, sorrindo, no cume dos degraus, convidando-nos a entrar.

Estamos num terceiro andar, solarengo, com vista para a cidade de Lisboa, numa alcantilada travessa, paredes meias com o Jardim da Estrela, o bairro da Lapa e S. Bento. Não é possível sossegar o olhar. As telas, as grades, os quadros voltados contra a parede e que já se amontoam, indicam o rumo para a sala que serve de estúdio. O som de música clássica ressoa calmamente nas paredes. As prateleiras das estantes de livros, os móveis antigos e as cómodas estão povoadas de brinquedos, de cerâmicas e de objectos que levaram anos a coleccionar. Manuel Baptista refere, com naturalidade, ter sido atraído pelo puro «kitsch» de algumas peças.

Mas isso não é tudo. Faltam na casa as centenas de brinquedos que estiveram expostos durante dois meses em Loulé. Esse pormenor relembra-nos a razão da nossa presença: trocarmos impressões sobre esses objectos lúdicos e a sua íntima relação com o artista que pacientemente os foi acumulando ao longo de quase quatro décadas. Não se pense, por isso, que ele é um homem idoso. Esse gosto, a que dá o nome de vício, começou nos primei-

**MANUEL
BAPTISTA
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS**

ros anos de Liceu. Tudo se iniciou com a compra de um postal antigo. Desde aí nunca mais parou. E o resultado está bem à vista, com a promessa de que outras exposições se sucederão.

«É uma colecção que vale a pena mostrar às pessoas. Sinto prazer em que os outros a vejam. Ora, não sou pessoa para ter as coisas guardadas debaixo da cama». A frase foi proferida rapidamente. Seguiu-se uma gargalhada contagiante.

Com um sorriso, sinal subtil de um espírito jovial, Manuel Baptista conta-nos que sempre sentiu um grande fascínio pelo brinquedo: «Todos nós brincámos, mais ou menos, em crianças. O facto de coleccionar brinquedos leva algumas pessoas a perguntarem-me se não brinquei o suficiente em pequeno. É claro que brinquei! E muito! Simplesmente, considero o brinquedo, em si, como uma obra de arte, um objecto fascinante...».

Seria impensável tentarmos descrevê-los um a um. As imagens que publicamos, a partir de brinquedos preferidos do pintor, ilustram o valor da colecção. Muitos deles foram adquiridos após incontáveis horas, entretidas com conversas que não mais teriam seguimento, até que um qualquer velho dono de uma loja resolvesse, então, puxar de uma caixa empoeirada, perdida nos confins das prateleiras, sacudir-lhe o pó, abrir a tampa com gestos de quem já não corre atrás do tempo, e exhibir o desejado conteúdo.

BUSCAS POÉTICAS

As colecções fazem-se com perseverança, atenção redobrada e muita pa-

ciência. Esta foi constituída, sobretudo, pela curiosidade. Manuel Baptista explica o «segredo»:

«Sempre tive o prazer de deambular pelas cidades, entrar em lojas velhas e decadentes e espreitar nos escaparates, procurando aquilo que escapava ao olhar comum. Corri Lisboa de ponta a ponta, olhando para tudo, encontrando o que mais me atraía. Nem sempre me interessava só por brinquedos. Por vezes, comprava postais, cromos, ilustrações circunscritas à mesma área. Desde que tenham uma grande carga poética interessam-me muito».

Mas a curiosidade é também o nosso forte e quisemos saber mais. O pintor olha na direcção de alguns dos quadros que serviram para a sua exposição, «Leques — composições em semicírculo», que esteve patente no Museu Nacional do Traje, e acede, com um sorriso de cumplicidade:

«Bem, na verdade, não há cidade ou vila em que não espreite por tudo o que é loja velha, droguaria ou mercearia... As pessoas, obviamente, olham-me de soslaio, meio desconfiadas, e por vezes tenho de comprar uma banalidade qualquer para justificar a minha presença.

Isso também acontece em Lisboa. Esses percursos pela cidade são poéticos. Costumo andar muito a pé, sinto prazer nisso e, assim, dou comigo a olhar para tudo quanto tem montra e a entrar em tudo o que é loja».

Homem das terras do Sul, Manuel Baptista confessou-se amante incondicional da capital:

«Lisboa é uma cidade fascinante ainda que parada. Parada porquê? Porque, sob o ponto de vista cultural, acontecem poucas coisas. Mas, por outro lado, é saudável, e até reconfortante, encontrar coisas que já não

Menino Jesus nas palhinhas feito em cartão impresso



Presépio em cartão impresso

CONT. PÁG. 116



Boneca em celulóide



MANUEL
BAPTISTA
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS

Sinaleiro em chumbo, com movimento dos braços e mudança de cor (de vermelho para verde) na base, da fábrica alemã Schuco,



Avião em folha metálica reproduzindo o modelo «Super-Constellation» da KML



Automóvel em folha de alumínio litografada



Carro antigo em metal, com corda, de origem japonesa

existem ou que estão em vias de desaparecer noutras cidades ou capitais estrangeiras. Sou um apaixonado por Lisboa. Do Sul, gosto do sol e da luz...».

Ainda assim, é dos tempos de estudante liceal em Faro, onde começou o tal «vício» pelas colecções, que ele guarda as mais gratas recordações. Fala-nos desse tempo, com um olhar que parece vaguear num mundo de recordações:

«Já nesse tempo, deambulava pela cidade de Faro, e pelas tipografias e lojas velhas que, em geral, eram propriedade de pessoas idosas e fascinantes. Lembrome, sobretudo, de duas tipografias: a Cácia e a Serafim, cujos donos eram extraordinários, devido às suas memórias e com quem mantive longas conversas.

Durante esses passeios poéticos descobria nas montras e nas prateleiras, por vezes bem escondidos, objectos diversos, tais como canetas, postais, cromos...

«Tive, de facto, a sorte de encontrar coisas que hoje ganharam o estatuto de peças de museu e que só se podem encontrar em antiquários. Sentia muito prazer em os descobrir no meio de toda uma parnefália de objectos».

Vagamente, a imagem de um postal ilustrado aflorou-lhe à memória como o primeiro objecto colecionável. Recosta-se na cadeira, inspira bem fundo, e começa a falar, fazendo desfilar as suas recordações:

«Comecei a comprar objectos muito cedo. A minha colecção tem mais de trinta anos de percurso e eu já vou nos 53 anos de idade. Penso, na verdade, que comecei por comprar um simples postal. Nos postais descobri o valor da imagem: um par romântico ou uma

cena de cidade antiga. Comecei a sentir um certo deslumbramento e a descobrir o mundo fascinante dessas ilustrações. Dei por mim, mais tarde, a comprar todos os postais antigos que podia encontrar».

Nesse momento, Manuel Baptista conta que se sentia particularmente atraído pelos conjuntos de seis postais que reproduziam os movimentos de cenas amorosas. Podiam ser os da donzela envergonhada que aproxima o rosto do namorado em que as imagens se desenvolvem até os lábios do homem lhe tocarem a pele, ou quaisquer outros que se vendiam em casas populares.

A carga poética e artística do postal transpôs-se, mais tarde, para o brinquedo.

AS OUTRAS PAIXÕES

Em criança brincava muito. Fabricava, mesmo, os seus próprios brinquedos. «Imagine que utilizava as lentes dos meus óculos e caixas de sapatos para fabricar máquinas de projectar! Depois, ia aos cinemas e pedia aos projectistas os restos das fitas que resultavam dos cortes. Quando chegava a casa, montava-os e fazia as minhas próprias projecções» — comenta, num tom de voz ledó.

Curiosamente, acabou por concordar que, afinal, ao guardar esses pedaços de celulóide em grandes caixas de fósforos (que ainda mantém) acabou por coleccionar uma coisa e outra. Isso implica, necessariamente, uma paixão pela Sétima Arte (de que os cartazes no patamar foram o primeiro sinal...).

«Adoro o Cinema! Olhe, chumbei no quarto ano do

MANUEL
BAPTISTA
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS

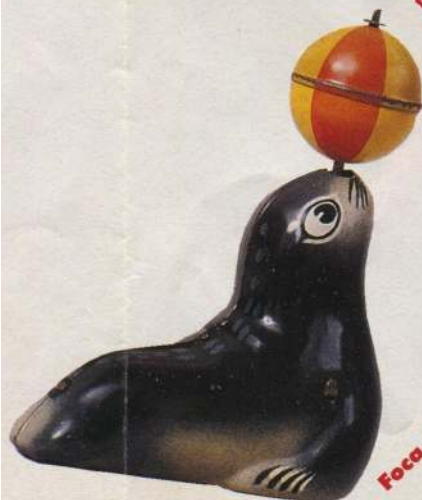
Macaco de circo também em folha metálica



**Carrocel em folha de metal litografada,
movido a corda**



**Macaco «saltador à corda», em metal, movido
a corda**



**Foca com bola giratória em metal da fábrica
alemã Schuco**

Liceu porque ia todas as noites ao cinema, em Faro. Projectavam-se, dois filmes por sessão e que, em muitas vezes, eram importantes. Por exemplo, a Alliance Française tinha sessões de cinema com filmes em super 8, e foi lá que vi muitos clássicos dos anos 50, em especial os de Norman McLaren. A Alliance Française era uma ilha no deserto cultural de Faro o qual em certa medida, ainda se mantém».

A curiosidade revela-se como um sexto sentido em Manuel Baptista. É ele quem a deixa transparecer:

«Sempre fui muito curioso! Vim de uma cidade onde nada se passava em termos de criatividade e de pintura. Quem aparecia, dedicava-se ao ensino. Eram geralmente professores de desenho.

«A minha curiosidade levou a que eu fizesse a minha formação, como pintor, através de livros e de reproduções que encontrava em revistas. Cheguei, mesmo, a trocar quadros com donos de duas livrarias. Eu dava-lhes as minhas pinturas, e eles davam-me material e livros».

Mal sabiam eles, na altura, que estavam a fazer um bom investimento. Mas, segundo nos diz, sem peias, nunca lhe custou desligar-se dos seus quadros.

«Em relação aos brinquedos tenho uma grande dificuldade em me desfazer deles — confessa —, pois gosto de os ter por perto, para os ver e tocar. São obras de arte, engenhos cheios de cultura, movimento e imaginação. Fazem-me falta. Com os quadros que pinto, isso não acontece. mas não me entenda mal.

«Sinto prazer em vê-los nas casas das pessoas e em saber que algo feito por mim lhes pertence».

Deste seu apêgo aos brinquedos, guarda dois ou três que remontam à sua infância. Ao certo, não se recorda do primeiro objecto que, em menino, lhe tenha despertado a atenção. Mas, de súbito, replica:

«O primeiro brinquedo da criança é o próprio corpo! Que saiba, não fui diferente das outras. De facto, brincar, para a criança, é muito importante. Ela começa a vida a imitar os adultos. Não é por acaso que os brinquedos são miniaturas do corpo humano, de que as bonecas são o melhor exemplo, ou do meio envolvente, como os carros, os aviões, os animais, as casas...

«De resto, os carrinhos e os aviões começaram a ser feitos para servirem de propaganda às fábricas. Os soldadinhos de chumbo eram imagens dos exércitos reais! Lembro-me que havia miniaturas de soldados da Mocidade Portuguesa e da Legião, mandados fazer por Salazar. Eram, também uma forma de propaganda!».

ETERNA INSATISFAÇÃO

Como conciliar a imagem de um pintor com a de um coleccionador de brinquedos? Para Manuel Baptista, o factor comum reside no gosto pelas formas, pelo movimento, pela obra de arte que o brinquedo representa. A cor e o movimento são fundamentais.

Dele (o pintor) escreveu José Augusto França, quando de uma exposição na Galeria Quadrante, em 1968: «(...) Ora os quadros de Manuel Baptista são organizações coloridas que pelo desenho se compõem. Isto é: vivem uma vida gerada pela cor, mas dentro dela existem autonomamente e definem essa exist-

MANUEL
BAPTISTA
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS



Camelo com macaco em pelúcia, com movimento de corda



Palhaço em metal com imagem, impressa e movimentado a corda



Palhaço e cão em metal com imagem impressa e movimentado a corda



Mealheiros em folha de alumínio litografada



Caixa em cartão com imagens impressas

tência estética através dum desenho que estabelece uma composição formal. A cor, funcionando integradamente no quadro, torna-se colorido, e o desenho, integrado também, ou inserto, em vez de decorar compõe (...).

No catálogo da uma outra exposição, dessa vez na Galeria 111, em 1973, Rui Mário Gonçalves escrevia: «(...) Realmente, alguns dos amigos de Manuel Baptista terão já observado o prazer com que ele realiza pequenos desenhos como os dos filmes de bonecos animados ou das histórias aos quadradinhos (...).

Foi esse o homem que encontramos. A personalidade do artista emergiu poucas vezes. Num desses raros momentos, aproveitámos a oportunidade para pôr o homem a falar do pintor:

«A vontade de pintar surgiu naturalmente. Tal como a de colecionar. Sempre me lembro com um lápis na mão a fazer desenhos onde quer que podia (por vezes nas paredes...). Essa grande necessidade de desenhar e de colorir surgiu entre os 15 e os 16 anos, quando comprei a primeira colecção de tubos de óleo. Ia, então, para a praia ou para o campo pintar, como se costuma dizer, «d'après nature»... Nessa altura tinha dificuldades porque não dominava a técnica. Depois completei o Liceu e vim estudar para Lisboa, para a Escola Superior de Belas-Artes, onde me inscrevi em Arquitectura. Senti logo que estava no curso errado! Por isso, mais tarde, mudei para o de Pintura».

Não tem horas próprias para pintar. Fá-lo quando sente necessidade. Reconhece, hoje, que «tem a sorte de pintar, exclusivamente, de dedicar o tempo

inteiro à pintura por ter conseguido estruturar a vida de forma a permitir essa exclusividade».

Olha-nos de frente, de forma serena, e desabafa:

«Sinto uma permanente intranquilidade, porque ando sempre á procura de qualquer coisa que sinto em falta... E quando a encontro, volto a sentir a necessidade de descobrir algo de novo. Criar, de uma maneira geral, é sempre um estar dinâmico que não podemos dar por satisfeito. É evidente que sinto sempre um grande entusiasmo quando realizo um quadro... mas concluo que isso não é, afinal, assim tão importante. Esse estado de alma faz parte da própria dinâmica da criação.

«Pergunta-me se tenho projectos de momento? Sinceramente, não. Apetece-me pintar, e apenas isso. Bem no fundo, tenho vontade de dar uma volta muito grande no meu trabalho e mudar para outra coisa. Não sei como isso poderá vir a acontecer, mas espero conseguir. Procuro uma mudança exterior que possa provocar essa alteração».

A satisfação completa encontra-a sempre que descobre um novo objecto para a colecção de brinquedos. Dá gosto ouvi-lo falar sobre isso:

«Sentia emoções muito fortes quando entrava em lojas que sabia, de antemão, terem brinquedos guardados em caixas. Sempre que as abriam, sentia verdadeiros momentos de uma alegria genuína. Quantas vezes esperei horas para que isso acontecesse, empatando o tempo à conversa com os donos da lojas, até que eles se dignassem mostrar-me as tais caixas que eu sabia estarem guardadas em qualquer sítio e cobertas de pó. Acontecia dizerem-me:

MANUEL
BAPTISTA
COLECCIONADOR
DE BRINQUEDOS

**Cegonha à volta do ninho, com movimento das
asas, movida a corda e de origem alemã**



**Motociclista e homem em roda, ambos
basculantes, feitos em metal, de origem alemã**



**Manuel Baptista com alguns dos seus brinquedos
no «atelier» de Faro**

«Ah!, aqueles brinquedos antigos?... Mande-os fora. Eram lixo». Isso, para mim, era angustiante. Dramático, mesmo. Infelizmente, ouvi isso muitas vezes... Senti que a maioria das pessoas tinham relutância em abrir aquelas caixas maravilhosas que classificavam, quase, como lixo. Mas consegui comprar brinquedos fantásticos. Tive, de facto, grandes momentos de sorte!».

Nunca se deu ao trabalho de contar os brinquedos. Nem quando os expôs em Loulé, a terra onde nasceu. Conserva-os, também, devido os desvelos de sua mulher, Maria José Oliveira, exímia escultora e autora de jóias contemporâneas. Foi ela que o ajudou a montar a exposição, realizada sob os auspícios da edilidade daquela cidade algarvia, limpando-lhes o pó, oleando-os nas maquinarias, dividindo-os pelos expositores.

«Tenho um especial carinho por todos os meus brinquedos. Mas, por alguns, mantenho uma particular afeição. É o caso da cegonha metálica que bate as asas graciosamente em torno da chaminé. Tenho pensado como seria interessante pô-la, ampliada, numa praça pública, em vez das coisas tão ridículas que nelas encontramos». Quem assim fala é o sonhador. O homem que nos deixou, por algumas horas, penetrar indelevelmente na sua intimidade. Não conseguimos retratá-lo. Nem tão pouco ver o retrato pintado por Nikias Skapinakis, em 1960, que estava, como as outras telas, voltado para a parede. Mas o amor com que nos falou dos seus brinquedos revelaram-lhe a alma. Cândida. Tal como a das crianças que com eles brincaram antes dele. ■